



EDITORIAL

Vol. 22, n. 40. 2025

Com grande satisfação os editores da *Revista Eletrônica Estudos Hegelianos* apresentam este novo número, fruto das submissões em fluxo contínuo recebidas entre março de 2024 e março de 2025. A presente edição reúne artigos de autores brasileiros e estrangeiros, além de uma tradução inédita e de uma resenha. Abrimos a publicação com dois textos de autores convidados, *Ser específico, metabolismo e limites naturais*, de Karen Ng, e *Ausência e espectro dos jacobinos negros, o terror e o fanatismo na história hegeliana*, de Angelo Narváez León, ambos vinculados aos debates realizados com os autores nos webinários promovidos pela revista em 23 de agosto de 2023 e 26 de abril de 2024.¹

A sequência dos artigos submetidos à avaliação cega inicia com *Intelligenz im Zeitalter ihrer technischen Reproduzierbarkeit*, de Alexander Schubert. Seguem-se investigações de temas circunscritos à filosofia hegeliana, com as contribuições de Vinicius Cavalcanti, em *Alienação e generalização: um estudo acerca do vínculo entre as vontades singular e universal no capítulo A liberdade absoluta e o terror da Fenomenologia do espírito de Hegel*; de Milton Abellón, em *El amor, la relación entre padres e hijos y el reconocer en la filosofía práctica de Hegel (1802–1804)*; e de Francisco Cannalunga e Jonnefer Barbosa, em *A fundamentação do idealismo objetivo nos Escritos críticos de Iena*. A interlocução entre Hegel e outras tradições filosóficas é explorada em *As categorias em Hegel: lógica, metafísica e método*, de Rômulo Ferreira Corrêa.

Encerram esta edição ainda a tradução de Lutti Mira do texto de Pauline Clochec, *Um segundo conflito das faculdades*, e a resenha de Gabriel Rodrigues da Silva sobre o livro de Marloren Lopes Miranda, *10 lições sobre Hegel*.

¹ Webinário com Karen Ng: <https://tinyurl.com/yc7xh6p9>. Webinário com Angelo Narváez León: <https://tinyurl.com/5ah2faur>.



Em *Ser específico, metabolismo e limites naturais*, Karen Ng reexamina o conceito marxiano de *Gattungswesen* à luz das tradições kantiana e pós-kantiana de crítica, bem como da concepção hegeliana de limites naturais. Seu objetivo é estabelecer esse conceito como o fundamento normativo da crítica de Marx ao modo de produção capitalista. Para isso, a autora destaca a capacidade humana de autotranscendência, articulada à racionalidade teleológica e à interação metabólica entre seres humanos e natureza, a fim de confrontá-las com a lógica de acumulação irrestrita do capital.

Angelo Nárvaez León em *Ausência e espectro dos jacobinos negros, o terror e o fanatismo na história hegeliana* parte dos resultados de Susan Buck-Morss em *Hegel e o Haiti* para, a um só tempo, radicalizá-los e criticá-los. Reunindo minuciosas descrições históricas com uma reconstrução conceitual rigorosa, León pretende mostrar que, na verdade, a Revolução Haitiana, devido a um fechamento categorial, jamais pôde ser devidamente incorporada por Hegel. Assim, o artigo trata de mostrar um limite epistemológico de Hegel no que diz respeito à capacidade de leitura dos eventos políticos de sua própria época.

Alexander Schubert, no artigo *Intelligenz im Zeitalter ihrer technischen Reproduzierbarkeit. Zur Dialektik Artifizeller Vernunft*, trata de um tema muito discutido nos campos da ética e da filosofia da cognição, mas talvez pouco explorado no campo da teoria crítica: a inteligência artificial. A partir de um paralelo com as reflexões de Walter Benjamin e Max Horkheimer, o autor procura desenvolver uma posição que vá além do pessimismo e da euforia com a nova tecnologia. Hegel ofereceria elementos para desenvolver uma posição reflexiva sobre o tema. O autor traça um paralelo entre a finitude do “pensamento do entendimento” e a inteligência artificial: esta seria fundamentalmente dependente de nossa forma de socialização.

No artigo *Alienação e generalização: um estudo acerca do vínculo entre as vontades singular e universal no capítulo A liberdade absoluta e o terror da Fenomenologia do Espírito de Hegel*, Vinicius Cavalcanti investiga, primordialmente a partir do confronto das leituras de Judith Shklar e Marcos Müller, a especificidade do processo de alienação subjacente ao conceito de liberdade absoluta. O objetivo do autor é, em seguida, explicitar o movimento de interiorização do conteúdo positivo da vontade, sem o qual a transição para a moralidade e a peculiaridade de sua nova forma de alienação não podem ser adequadamente compreendidas.

No artigo *El amor, la relación entre padres e hijos y el reconocer en la filosofía práctica de Hegel (1802-1804)*, Milton Abellón se volta para a obra de juventude de Hegel. O autor traça um paralelo entre o *Sistema da eticidade* (1802-1803) e a filosofia do espírito do *Systementwürfe I* (1803-1804) procurando estabelecer um vínculo entre três conceitos centrais da filosofia hegeliana: amor, educação e reconhecimento. Ele distingue três linhas interpretativas sobre esses escritos: a primeira sustenta que o amor entre pais e filhos, a educação e as relações de reconhecimento estão presentes nos dois escritos; a segunda linha defende que o vínculo entre amor, educação e reconhecimento está presente em apenas um desses escritos; e a terceira linha sustenta que o amor e a educação estão presentes nos dois escritos, porém, sem um vínculo explícito com as relações de reconhecimento. A argumentação de Abellón se dirige criticamente à primeira linha interpretativa: para ele haveria relação entre amor, educação e reconhecimento apenas no *Sistema da eticidade* mas não no *Systementwürfe I*.

Em *A fundamentação do idealismo objetivo de Hegel nos escritos críticos de Jena*, Francisco Cannalunga e Jonnefer Barbosa analisam a gestação das teses fundamentais da filosofia hegeliana durante os primeiros anos do período ienense, dando ênfase ao seu confronto com as filosofias práticas de Kant e Fichte, salientando a presença de preocupações não apenas teóricas, mas práticas e políticas por parte de Hegel. Os autores defendem a utilidade da caracterização da filosofia de Hegel como um “idealismo objetivo” – mesmo reconhecendo que o termo não seja expressamente utilizado pelo filósofo para classificar a sua posição – a fim de marcar a sua orientação ontológica, inovadora no contexto da filosofia clássica alemã, amparando-se em leituras já existentes na *Hegel-Forschung* e buscando também sustentar essa opção textualmente. Os autores argumentam em sentido contrário à compreensão da filosofia de Hegel como continuação do projeto do criticismo kantiano, vendo nela antes uma crítica radical de suas premissas centrais.

Já no artigo *As categorias em Hegel: lógica, metafísica e método*, Rômulo Ferreira Corrêa investiga o tratamento hegeliano das categorias em comparação às abordagens aristotélica e kantiana. O autor pontua particularmente a especificidade da dedução categorial enquanto desenvolvimento imanente e a identificação de lógica e metafísica em Hegel. Mediante estas estratégias e mediante o emprego do método dialético na aná-

lise categorial, em geral, a abordagem hegeliana lograria, argumenta, atingir pela primeira vez a unidade efetiva do sistema categorial. A relevância do novo tratamento das categorias residiria em proporcionar um método capaz “de tornar explícitas as formas lógicas que já estruturam nossa experiência, nossa linguagem, e nosso conhecimento”. O autor conclui com considerações acerca da noção hegeliana de sistema e do valor da análise filosófica das categorias para as ciências empíricas.

Um segundo conflito das faculdades, artigo de Pauline Clochec traduzido por Lutti Mira, examina como a esquerda hegeliana e o jovem hegelianismo transformaram o cenário acadêmico alemão nas décadas que antecederam a Revolução de 1848 (*Vormärz*). Estabelecendo um diálogo com *O conflito das faculdades* (1798), de Kant, Clochec demonstra que esses movimentos intelectuais protagonizaram um novo tipo de confronto acadêmico, no qual disputas teóricas e institucionais forjavam novas posições políticas. A autora argumenta que tais movimentos instauraram um *segundo* conflito das faculdades, caracterizado pela fusão entre luta política e disputa institucional, diferenciando-se do modelo kantiano pela radicalidade de suas propostas teóricas. Na última seção do artigo, Clochec analisa o fracasso dessa estratégia intra-universitária, cujo resultado foi a exclusão e marginalização acadêmicas dos principais representantes desses movimentos. Para a autora, o banimento institucional desses intelectuais constituiu simultaneamente a condição de possibilidade para o florescimento de suas posições socialistas, comunistas e anarquistas.

Como contribuição final, Gabriel Rodrigues da Silva resenha *10 lições sobre Hegel*, de Marloren Lopes Miranda, publicado pela Editora Vozes em 2024. Da Silva apresenta inicialmente a autora, destacando sua atuação acadêmica, antes de detalhar a estrutura da obra, suas lições e ideias centrais. O resenhista sublinha o êxito do empreendimento de Miranda ao reconhecer sua capacidade de introduzir as principais teses da filosofia hegeliana de maneira acessível e rigorosa, de modo a proporcionar aos leitores os instrumentos conceituais necessários para a compreensão da complexa linguagem hegeliana. Da Silva conclui enfatizando a importância do livro para os estudos hegelianos brasileiros, especialmente por preencher uma lacuna bibliográfica significativa.

Agradecemos aos leitores da *Estudos Hegelianos* pelo apoio e pela participação atenta; aos autores, que fortalecem a revista com um número crescente de submissões;

e aos pareceristas, cujas análises criteriosas são essenciais para o aprimoramento das discussões apresentadas nos textos publicados.

Desejamos a todos uma ótima leitura!

Emmanuel Nakamura

Fabiana Del Mastro

Hernandez Vivian Eichenberger

Patrícia Riffel de Almeida

Renata Guerra